



NAS CER CIGANA

Carlos Cortez

**CARLOS CORTEZ (AUTOR).
ROBERTA BERGAMASCO DINIZ (ILUSTRADORA). NASCER
CIGANA.**

ISBN: 978-65-81033-89-7

BAURU: EDITORA GRADUS, 2026.



NAS CER CIGANA

Carlos Cortez

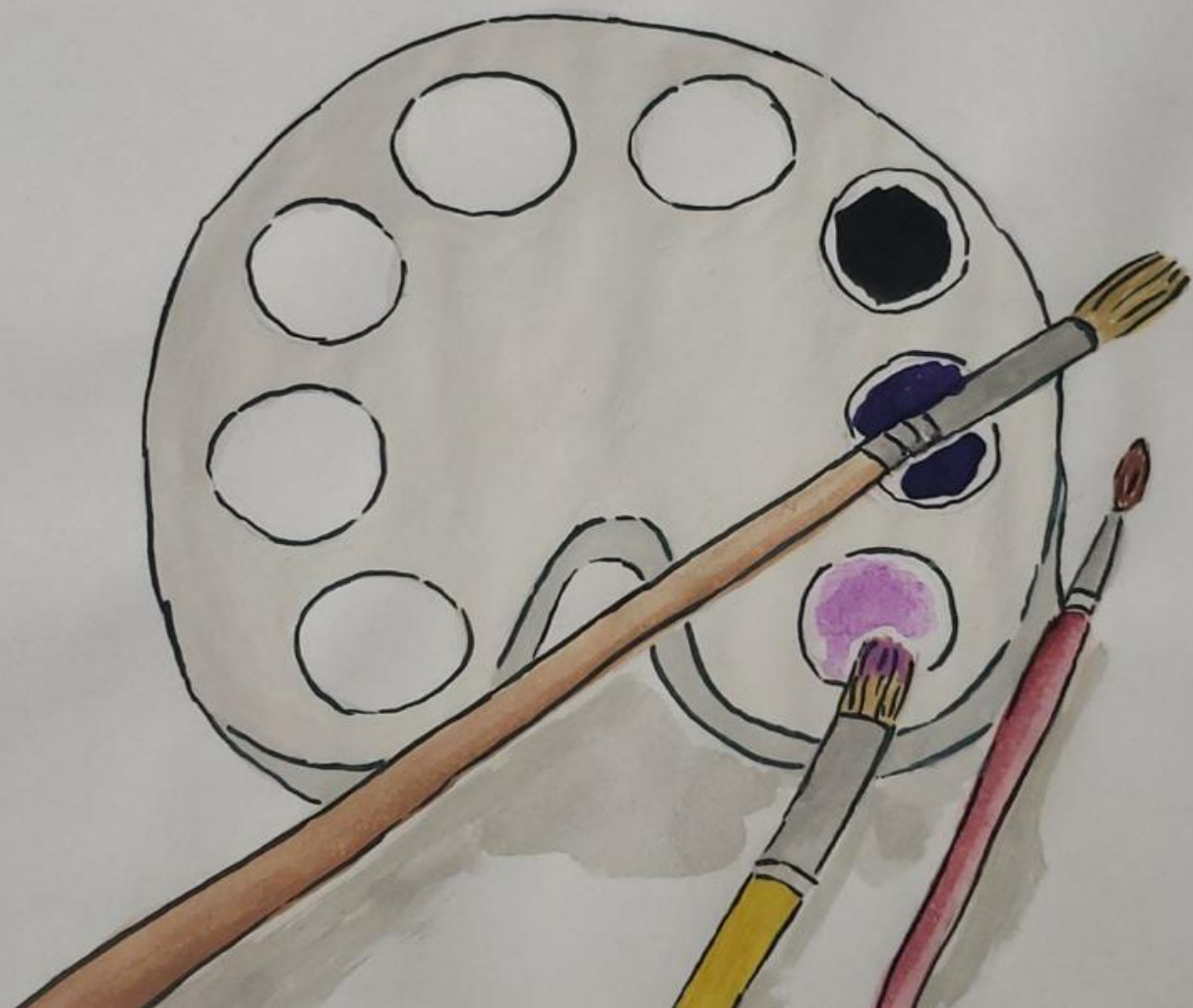
Para Maria Isabel

Eu sou só uma inspiração. Estão me dando formas.





Vejo pincéis, vejo umas pastilhas coloridas que não consigo ainda identificar. Vão me dando formas. Ainda sem cores. E de repente sinto a suavidade de uma pena, de um pincel, de alguns cabelos, como se tentassem suavizar a minha forma. E ele é úmido.



E quando olho do alto da minha cabeça, porque ainda não tenho olhos desenhados, mas eles já internamente se mostram, vejo que esse pincel vai desenhando os meus pés. Devem desenhar os meus passos. Sou morena, ou pelo menos estão me desenhando numa cor morena. Gostei da cor morena. Faz o meu pé. Faz o segundo. Os dedos meio compridos. A unha não está bem pintada, mas é unha.



Continua subindo o pincel, acariciando a perna que está sendo feita, pintando na cor morena. E essa carícia, por sair de uma mão suave, já me acaricia o corpo inteiro. Chega ao joelho. Desenha o joelho com suas dobras.



Continua subindo. Minha cintura, uma
pélvis bonita. Eu vou ser uma moça de
pélvis bonita. E continua pintando.



Chegou nas mãos. Nas minhas mãos que tremulam pela suavidade do pincel, pela carícia que está provocando essa suavidade. Desenha uma mão. Desenha um braço. Meu cotovelo se dobrando levemente, como se quisesse mostrar ternura. Desenha todo o meu braço. Desenha o segundo.



Desenha meu peito. De repente, esse peito se transforma numa graciosidade de bailarina, porque acho que é isso que a inspiração quer que eu seja. Uma bailarina, que bailará nos teus pensamentos, nas tuas ideias, no teu entorno, em volta do fogo, em volta da luz, em volta do céu, em volta do imaginário fantástico que farei com os teus olhos.



E ela continua pintando. Chega no meu pescoço. Faz um pescoço de quem já espia por cima do universo. Faz o formato do meu rosto: meio alongado, meio risonho, mas já sonhador.



E os olhos? Num formato amendoado, castanho como o sorriso que se mostra sem você tê-lo desenhado. O cabelo eu pensei que seriam pretos para combinar com minha cor morena, mas são levemente ruivos, meio vermelho. Não sei se se excedeu na tinta daquela pastilha colorida ou se ele já brilha como o fogo que eu quero mostrar quando for adulta.



E de repente esse corpo nu, pintado, começa a ganhar outra forma. O início saiu dos pés à cabeça. Agora, como se a inspiração saísse da cabeça, se dá da cabeça aos pés.



Pintam um lenço colorido, me colocam brincos que refletem a luz do dia, colares em contas como se contassem os minutos que fico olhando as estrelas porque tenho igual brilho. Vários colares.



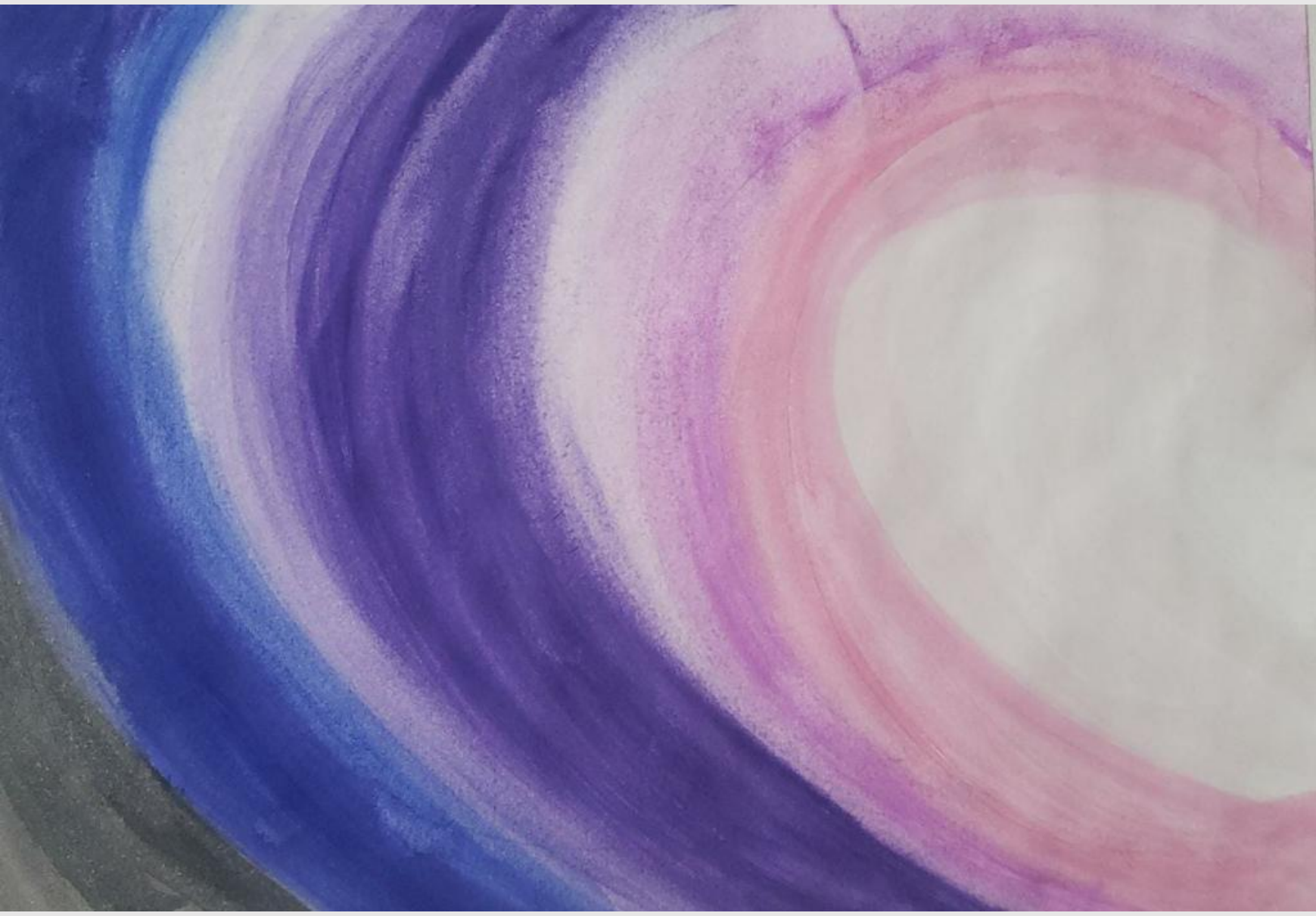
Nos meus pulsos colocaram pulseiras, tão coloridas como a aquarela que me pintou. Umas são de conchinhas, outras são de pedras, outras são miçangas plásticas, mas coloridas também. Nos dois pulsos estou carregada de pulseiras. E nos dedos, ah que bonito o anel que ela pintou. Imenso, para a minha mão miúda, mas parece uma bola de cristal. E continua pintando.



Faz um corpete colorido, também. E, de repente, o esvoaçar de uma saia que eu imagino dançando toda vez que o vento a acaricia. Uma saia rodada, tão colorida quanto às miçangas e às pulseiras, os colares, os brincos, o anel. E quando olha para uma obra, ou uma pintura quase pronta, atrás se projeta uma lona colorida. Bem colorida.



E com umas notas musicais que vagam no ar. Ou vagam no ar na minha direção, como se um arrepio percorresse meu corpo, me inspirando para dançar, me inspirando para sonhar.



E sou uma cigana, nasci uma cigana. Gostaria de segurar a mão que pintou para ver se nas linhas das mãos dela se encontram os meus sonhos.

